

ESSENCIALISMO E EXISTENCIALISMO

Eduardo Magrone *

SOUZA, Geraldo Lopes de. *Introdução histórico-crítica às pedagogias acrílicas: essencialismo e existencialismo*. [s.l.]: Alpha, [s.d.]. 139p.

As relações entre Educação e Filosofia têm sido objeto de atenção de expoentes da história do pensamento ocidental desde as origens clássicas da racionalidade moderna. Referências a uma afinidade entre a pedagogia e uma representação mais sistemática do real podem ser encontradas já nos aforismos dos pré-socráticos. No entanto, a visibilidade mais clara da imbricação dessas duas dimensões da cultura ocidental irá surgir com o pensamento de Sócrates ou, mais exatamente, com as idéias que a ele foram atribuídas por Platão, seu ilustre discípulo.

Filiada a esta longa tradição de questões, a temática do livro do professor Geraldo Lopes de Souza parece soar como um desafio intelectual para os atuais “tempos (pós) modernos”. Nosso autor escolheu dissertar sobre aquela zona cinzenta entre duas “disciplinas”, ou melhor, práticas intelectuais em crise. E talvez em profunda crise.

Da Filosofia propriamente dita, nosso mundo globalizado parece hoje nada esperar. Na realidade, a própria Filosofia reage a essa indiferença com um enclausuramento acadêmico que pouco

* Professor de Sociologia e Filosofia da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG).

lembra os momentos mais animados de sua trajetória. Vivemos, de fato, na era das especializações, e o perfil do “filósofo profissional” não mais se ajusta àquele do sábio, nem mesmo ao do preceptor, mas sim ao do profissional universitário, absolutamente envolvido nas disputas internas a seu campo intelectual.

E a educação? Sim, a educação! Será ainda possível uma referência à educação sem mobilizar novos conceitos já tão envelhecidos como custo–aluno, qualidade total, sistemas de avaliação, escala de proficiência, seriação, progressão continuada, treinamento à distância, ensino profissional, taxa de repetência, taxa de evasão, taxa de analfabetismo, taxa de...? Afinal, o que houve com o debate educacional? Ora, aconteceu com a Educação exatamente o que aconteceu com a Filosofia e com quase todas as dimensões da cultura. Elas foram submetidas a um intenso processo de desencantamento. A monotonia dos temas educacionais assim como a indiferença diante dos tradicionais problemas colocados pela reflexão filosófica não escaparam das conseqüências arrasadoras da massificação do ensino e da profissionalização do trabalho intelectual. Bem entendido, questões como “O que é Filosofia?” e “Quais os fins da Educação?” ainda não foram satisfatoriamente respondidas por ninguém e, talvez nunca

venham a ser, mas acabaram migrando silenciosamente para o interior de alguns nichos universitários até o ponto de saírem totalmente da cena pública. Aliás, esta última parece cada vez mais saturada pelos apelos hedonistas do interesse imediato, turbinados pela sedução das imagens e pela privatização da crítica.

A obra do professor Geraldo Lopes da Fonseca é um livro de Filosofia da Educação. De capítulo em capítulo, o leitor irá encontrar marcas dos 28 anos de magistério dessa disciplina que o autor tem lecionado na AUDEF – a primeira faculdade particular, criada na capital da República. A linguagem é simples até onde pode ser simples, e o público-alvo são alunos/as dos cursos de formação de professores de nível médio e superior. O trabalho chega em boa hora e vem suprir uma lacuna das bibliotecas das escolas normais e dos cursos de Pedagogia, pois já é tempo de os/as aspirantes ao magistério alargarem as suas alternativas bibliográficas nessa área, que parece restrita aos textos herméticos das publicações especializadas e a arquitetura enfadonha de algumas “Histórias das Idéias Pedagógicas”, com a sua costureira superficialidade imposta por um didatismo maçante.

Não obstante o explícito direcionamento da obra, seria lamentável que a leitura do livro ficasse limitada aos atuais

e potenciais protagonistas do campo educacional. Sem dúvida, o leitor não iniciado terá no contato com cada página a oportunidade de explorar a experiência e o poder de síntese do autor, de modo a realizar uma rápida introdução aos principais momentos da reflexão filosófica sobre a formação humana. O ensaio está dividido em três partes. A primeira é, nos termos do autor, uma “metafilosofia” ou uma “pró-filosofia”. Trata-se, de fato, de situar a Filosofia em relação às demais áreas do conhecimento, notadamente, as Ciências e a própria Educação. Para tanto, o confronto com as várias definições da disciplina é inescapável, haja vista as disputas seculares em torno da questão. Entretanto, é também nessa parte da obra que o autor quase imperceptivelmente vai substituindo o tradicional questionamento sobre “O que é Filosofia?” por questões como “Para que Filosofia?”, mais ajustadas a uma época que não pode parar para muito pensar.

Na segunda parte, o argumento do autor começa a definir-se mais claramente. É chegada a hora de exibir sumariamente e criticar as linhas gerais que demarcam as “filosofias e pedagogias essencialistas”. A tarefa não é modesta. Trata-se de reunir sob uma mesma rubrica pensadores tão díspares como Platão, Hegel, John Locke, Hume e Comte entre outros; associar seus sistemas e/ou

princípios filosóficos com o sentido da prática educacional a partir das seguintes perguntas: “A quem educar?”, “Para que educar?” e “Com que educar?” e, por fim, criticar as pedagogias por eles influenciadas. Para tanto, o argumento básico aqui é que essas “filosofias”, ao abstraírem a dimensão existencial encerrada na experiência humana individual, acabam interditando a possibilidade de criticar uma práxis cujo sentido jamais pode ser esgotado no âmbito de metanarrativas que insistem em negligenciar o drama de quem tem a liberdade de fazer o seu próprio futuro aqui e agora. Em suma, o autor convida o leitor a rever as concepções ontológicas, antropológicas e pedagógicas dos pensadores modernos e pré-modernos sob o ponto de vista da filosofia existencialista do século XX.

Na terceira e última parte, o ensaio toma um rumo inverso. Agora, são exatamente as filosofias e pedagogias existencialistas que são objeto de apresentação e crítica. Se, por um lado, a constelação de autores parece então possuir mais afinidades, por outro lado, poucos se atreveriam a reunir pensadores como John Dewey, Friederich Nietzsche, Sören Kierkegaard, Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre sob uma mesma denominação, sem muitas reservas. Consciente dos riscos, o autor constrói seu

argumento com base na constatação de que muitos pensadores do século recém encerrado reagiram criticamente à agressiva colonização das consciências pela tecnociência e pelo *ethos* próprio às sociedades industriais de massa, a partir de um ponto de vista demasiadamente limitado pela necessidade de afirmar a liberdade humana exclusivamente sob as coordenadas da experiência individual, definida no tempo e no espaço do acontecer, com pouquíssima ou nenhuma ingerência de uma razão transcendente. Neste caso, o cancelamento de toda noção de devir que não resulte da ação humana posta presentemente acaba empobrecendo as possibilidades da ação pedagógica. A esse respeito, talvez seja desnecessário reportar ao papel fundamental desempenhado pelos ideais de emancipação, consubstanciados nas filosofias da história dos séculos XVIII e XIX, para a emergência dos sistemas educacionais estatais e para o surgimento de uma identidade profissional do magistério.

Após ler o último capítulo, a sensação do leitor é de que o argumento está incompleto. Afinal, o autor operou duas desconstruções e nada pôs no lugar ocupado pelas ruínas das filosofias e pedagogias criticadas. E o interessante é que o autor parece esperar exatamente uma tal reação do leitor. O arremate do

argumento que é o momento da síntese, sempre mais difícil e complexo, é endereçado para um próximo livro. Longe de ser uma frustração é, na verdade, um convite a continuar a leitura.

Como já foi dito, o livro do professor Geraldo Lopes de Souza não é uma publicação para especialistas. Há uma profusão de citações que, às vezes, parece exagerada. Além disso, o leitor mais atento pode estranhar algumas classificações como a que coloca o filósofo empirista inglês David Hume (1711-1776) na categoria dos filósofos realistas; bem como considerações como as da página 25, onde se pode ler: "A Filosofia é o único seguimento do saber humano capaz de resolver os grandes problemas da humanidade". No entanto, a construção do argumento que sustenta a obra não é abalada em nenhum momento por semelhantes detalhes. E é sempre bom lembrar que escrever um texto filosófico, mesmo com fins de popularização da Filosofia, é, de fato, fazer Filosofia, e um tal empreendimento nunca está isento de perspectivas pessoais, limites e paixões.

Data de recebimento: 15 de junho de 2003

Data de aprovação: 20 de junho de 2003